

GUILHERME GAGNON

Hospitalidade para o Oriente



50º Aniversário do Trânsito
1972 - 2022



GUILHERME GAGNON

Hospitalidade para o Oriente

50º Aniversário do Trânsito
1972 - 2022

Introdução

Por ocasião do Cinquentenário da morte do Venerável Servo de Deus, Guilherme (William) Gagnon, 1972-2022, preparei esta breve biografia com o objetivo de contribuir para um melhor e mais vasto conhecimento da sua vida e das obras por ele realizadas.

A herança que este nosso Irmão deixou a toda a Ordem e à grande Família Hospitaleira resume-se nestas breves linhas que escreveu aos seus confrades durante o seu serviço que prestou como Superior Provincial no Canadá: *“A nossa vocação é maravilhosa, cuidar de Cristo nos membros que sofrem e conduzi-los a Jesus através da nossa vida de dedicação e caridade. Mas, para poder fazer isso, é necessário ter uma grande fé que nos faça ver em cada momento em todos os nossos irmãos, sejam eles quais forem, o mesmo Nosso Senhor. Esta fé ardente obtém-se através da oração.”* Estas breves linhas seriam suficientes para compreender a espiritualidade e profundidade de vida com que o Ir. Guilherme viveu a sua vida de doação generosa e sem limites dedicada a todas as pessoas, especialmente aos doentes de quem ele cuidava pessoalmente.

Esta breve biografia, que apresenta passagens significativas da sua vida, é enriquecida com memórias fotográficas que fixaram alguns momentos históricos, mostrando-os no seu contexto e realidade.

Espero que o trabalho aqui apresentado possa tocar o coração de muitas pessoas que, em diversas

funções, fazem parte da nossa grande Família Hospitaleira e que, com grande paixão e profissionalismo, prestam diariamente aos pobres e aos doentes uma assistência coerente com o Carisma da Hospitalidade que São João de Deus nos deixou.

Gostaria de concluir esta breve apresentação tomando de novo emprestadas as palavras do Irmão Guilherme, que resumem de forma extraordinária a sua espiritualidade hospitaleira: *“As honras nada mais são do que fumo e fogos de palha. Tudo o que resta é o pouco bem que fizemos, e estamos gratos a Deus por nos ter dado estas alegrias em cada momento”*. Este foi nosso Venerável. Na sua vida, não fez mais nada senão o bem, sempre fugindo a todas as formas de exibicionismo e autorreferencialidade, mas fazendo-se tudo para todas as pessoas por amor de Deus, consumindo-se até à morte.

Roma, 28 de fevereiro de 2022

IR. DARIO VERMI, O.H.
Postulador Geral

A FAMÍLIA GAGNON

Do fluxo migratório que partia do Québec, no Canadá, para o estado da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos, no século XIX, fez parte o casal canadiano Delphin Gagnon e Marie Louise Roy: emigraram para Dover, uma pequena cidade do New Hampshire, nos Estados Unidos, onde viveram e criaram uma grande família de doze filhos, incluindo Guilherme (William). Foi nesses tempos difíceis que se verificou a propagação da gripe espanhola, nos anos de 1918-1920, e se desencadeou a crise financeira de 1929, o *Big Crash*, com as suas longas ondas de repercussões.

Guilherme Gagnon nasceu a 16 de maio de 1905, em Dover. Foi batizado no próprio dia do seu nascimento, na Paróquia de São Carlos Borromeo, administrada pelos Missionários de São Carlos (*Scalabrinianos*). Na quadra do Natal de 1913, aos 8 anos de idade, o menino Guilherme fez a sua Primeira Comunhão e, em 1917, recebeu o Sacramento da Confirmação, pelas mãos do Bispo Louis O’Leary, na igreja paroquial de Lac Baker, no condado de Nouveau Brunswick.

Uma das suas irmãs, Marie-Ève, tornou-se religiosa em 1930, entrando na Congregação das Irmãs da Assunção da Santíssima Virgem e, mais tarde, tornou-se a confidente espiritual do seu irmão predileto. Foi a esta irmã que Guilherme revelou o seu desejo de se consagrar ao Senhor. Quando Guilherme manifestou o desejo de se tornar religioso, encontrou sempre uma grande oposição por parte

do pai, que era uma pessoa de caráter inconstante, com problemas de alcoolismo e totalmente analfabeto. Também a mãe se opôs à sua escolha, porque preferia que ele viesse a ser uma ajuda válida na gestão familiar, pouco serena naquela altura. A difícil experiência por que passou na família preparou-o para enfrentar as dificuldades e provações que iria encontrar na vida religiosa e na fundação das casas-hospitais, no Vietname.

O menino Guilherme foi muitas vezes severamente repreendido pela mãe, devido às travessuras dos seus irmãos, mas suportou tudo e nunca se revoltou ou acusou os verdadeiros culpados. Era um rapaz bom e atencioso que obedecia silenciosamente às ordens dos seus pais. Por vezes, a mãe

obrigava-o a faltar à escola para ele cuidar dos irmãos. Esta era uma das tarefas que lhe foram atribuídas na adolescência.

Nesse período, Guilherme tinha 13 anos de idade e, com o seu irmão mais velho, Joseph, começa a trabalhar nos campos e nos montes: desbravava o terreno e vendia madeira, necessária às muitas fábricas de papel da região. Foi nessa altura que ocorreu algo dramático para a família Gagnon, que se revelou providencial.



A família Gagnon em Dover em 1921.

INCÊNDIO

Um dia, depois da missa dominical, a família Gagnon regressava a casa, de carroça. O pai segurava as rédeas, enquanto a mãe falava do mais e do menos, pensando em preparar o almoço. Atrás, as crianças brincavam, desafiando-se entre si.

Nessa manhã de 1918, o sol inundava a paisagem montanhosa do Québec com a sua floresta densa e os campos cultivados, ao longe.

De repente, o Sr. Gagnon avista uma nuvem de fumo subindo para o céu, e viam-se labaredas de fogo provenientes da propriedade do seu vizinho. Ficou paralisado e, embora o seu vizinho parecesse estar a controlar a situação, gritou-lhe imediatamente: “Assim que eu chegar a casa com a família, volto logo para te ajudar”.

Entretanto, o vento tinha transportado algumas faúlhas e corria-se o risco de o fogo se alastrar a outras casas. Era necessário salvar imediatamente as alfaias: forcados, pás, maquinaria. O Sr. Gagnon já antevia um triste cenário – estruturas destruídas pelo fogo, gado morto, necessidade de reconstruir as casas... – e já planeava levar a sua esposa e os filhos para Dover.

Enquanto os pais trabalhavam para dominar o fogo, Guilherme cuidava dos seus irmãos e irmãs mais novos. Embora tivesse apenas 13 anos de idade, a sua fé na Divina Providência era muito forte. Fitando a mãe nos olhos, disse-lhe: “Mãe, o bom Deus protegerá as crianças, pois ainda são anjinhos. Vou ficar aqui e rezar. A quinta não vai arder!”

Guilherme levou as crianças para um campo, para que ficassem seguras, e começaram a rezar, todos juntos. Um pouco mais tarde, os colonos conseguiram apagar o incêndio. A cena de desolação parecia ser quase um sinal de esperança: providencialmente, uma área de três quilómetros tinha sido transformada em terreno fértil que podia ser cultivado no futuro.

Guilherme tinha visto bem: dezenas de famílias foram poupadas, assim como as casas e os animais.

Após uma estadia de três anos em Témiscouata, uma zona verde no Québec, para onde a família se tinha mudado, por motivos de trabalho, regressou a Dover, em New Hampshire, em 1920.

UM SENTIDO PARA A VIDA

Naquele tempo, só as crianças de famílias ricas tinham meios para prosseguir os estudos secundários, pelo que Joseph e Guilherme tiveram de abandonar a escola e foram ambos contratados, por algum tempo, como operários numa fábrica de algodão.

Como filho mais velho, o jovem Guilherme aprendeu muito cedo a trabalhar para ajudar economicamente os seus pais. Aplicava-se muito, de modo a servir de exemplo para os seus irmãos mais novos.

Jardineiro, lenhador, operário em fábricas de algodão, dia e noite: nada era um fardo para ele.

Crescia nele uma sede de absoluto: *E se a vida fosse algo mais do que um salário ganho através de duro trabalho, mais do que um ordenado para levar para casa?* Guilherme sonhava com viagens missionárias em que partiria para países longínquos para ajudar os necessitados. Mas, onde começar esta busca de sentido? Teria de abraçar a vida religiosa?

Bateu à porta de duas comunidades religiosas: uma no Québec e a outra em New Hampshire. Por diversas razões, não entrou nelas. Pensou numa terceira congregação, nos Estados Unidos, mas foi dissuadido por um sacerdote. Guilherme preferiu adiar este projeto para outra altura.

Em 1926, com vinte e um anos de idade, Guilherme arranhou trabalho numa fábrica de algodão, em

Dover. provavelmente, estava hospedado em casa de algum parente e enviava à sua mãe o que ganhava. Ao mesmo tempo, bateu à porta dos Concepcionistas (Filhos da Imaculada Conceição, uma congregação fundada em Roma, em 1857, pelo Beato Luigi Monti), mas não foi aceite, porque as análises clínicas revelaram uma doença renal suspeita. Assim, regressou a Barton, para onde a família Gagnon se tinha entretanto mudado, em 1922, mas sem desistir de procurar outro caminho para a sua consagração.

Em 1930, a sua irmã mais nova, Marie-Ève, tomou o hábito religioso nas Irmãs da Assunção, no convento de Nicolet, e esta escolha despertou cada vez mais em Guilherme o desejo de se consagrar. Mais ou menos na mesma altura, um padre falou-lhe da Ordem Hospitaleira de São João de Deus, e a conversa ficou-lhe gravada na memória. Uma manhã, ao abrir o jornal, na secção reservada à vida dos Santos, Guilherme leu um resumo da biografia de São João de Deus. Contactando a redação do jornal, obteve o endereço onde podia encontrar os Religiosos de São João de Deus.

Os Irmãos de S. João de Deus tinham chegado a Montreal a 16 de abril de 1927 com o compromisso de ajudar os pobres e indigentes do *Hospice Notre-Dame de la Merci*, num bairro da cidade.

Eis que começava a delinear-se o caminho a emprender. Guilherme refletiu sobre como poderia servir o Criador e o seu próximo. Em vez de produzir mercadorias num ambiente depressivo e ruidoso de fábricas, poderia dar testemunho do seu amor a Deus e ao próximo, praticando a hospitalidade.

INÍCIO DA AVENTURA

A 11 de Outubro de 1930, Guilherme escreve ao Irmão Laurent Cosgrove, Superior do Hospício *Notre-Dame de la Merci* e Mestre de Noviços, o qual vislumbra sinais promissores no jovem Gagnon.

No dia 22 desse mês, Guilherme é admitido como postulante entre os Irmãos de São João de Deus e já tinha a certeza de que estava no caminho certo. Mas nem tudo correu segundo as expectativas. Já em dezembro desse mesmo ano recebia cartas dos seus pais a pedir-lhe que interrompesse temporariamente o caminho empreendido e regressasse a casa para ajudar a sua família em necessidade. Com grande pesar, o jovem submeteu-se docilmente à vontade da família e confiou-se à Providência.

O trabalho pesado na família não o afastou do seu ideal. Numa carta escrita a 6 de janeiro de 1931, confessava ao Superior que sentia muita falta dos seus Irmãos.

Na família, procurou sempre dar o seu melhor. Mesmo na escola, era também um aluno dócil e atento; ajudava os professores, fossem eles religiosos ou leigos, prestando pequenos serviços. Herdara dos seus pais a perseverança, o sentido de organização e a fé.

Enquanto permaneceu no Canadá, os pais de Gagnon tinham acolhido em sua casa uma família que se encontrava numa situação difícil devido a doença e à pobreza. Esta abertura aos outros causou-lhe uma profunda impressão.

A experiência familiar tinha-o preparado para a decisão final de consagrar a sua vida ao Senhor na Ordem Hospitaleira de São João de Deus. Guilherme conhecia a hospitalidade quase por instinto, como uma segunda natureza. Cuidar da própria família era como cuidar dos doentes e tomar conta dos necessitados.

A 29 de março de 1931, após apenas três meses, Guilherme regressou ao convento e, a 17 de abril desse ano, com quase 26 anos de idade, iniciou a sua formação como postulante, passando regularmente pelas etapas do seu caminho na vida religiosa. Três meses mais tarde, a 16 de julho, recebeu



*Grupo de professos de votos simples
[na segunda fila, o Ir. Guilherme].*

o hábito da Ordem e o nome de Irmão Guilherme (William); a 20 de novembro de 1932 emitiu os votos temporários e, passados 3 anos, a 21 de novembro de 1935, com 30 anos de idade, fez a profissão solene dos votos.



Profissão solene do Ir. Guilherme – 1935.

FIDELIDADE AO CHAMAMENTO

Ao longo de quinze anos, a sua vida exemplar, feita de pequenos e grandes gestos de caridade para com o próximo, bem como a sua profunda espiritualidade, levaram os seus superiores a terem uma grande consideração por ele.

Já em 1937, o Ir. Guilherme foi nomeado diretor do Aspirantado, em Montreal, uma tarefa a que se dedicou totalmente, até ao ponto de os seus confrades comentarem: *“Este homem simples era um pai tranquilizador e um irmão mais velho para os jovens e adolescentes que batiam à porta do colégio”*.



O Ir. Guilherme, Diretor do Aspirantado em Montreal – 1937.

No colégio eram formados aqueles que, mais tarde, seguiriam o caminho vocacional de consagração. Muitos testemunhos concordam em sublinhar a sua modéstia, o tom confidencial que usava nas conversas, o sorriso simples e atrativo que desarmava qualquer tentativa de desobediência. Quando tinha de repreender alguém, fazia-o sempre em privado, nunca em público, e a pessoa em questão saía do encontro confiante e aliviado. Em vez de reprimendas, convidava as pessoas a corrigirem-se a si próprias e a fazerem melhor.

Uma das suas características mais marcantes era a pontualidade nos momentos importantes da vida comunitária. Todas as manhãs, numa breve meditação, preparada especialmente para eles, encorajava os jovens confiados aos seus cuidados a refletir sobre a liturgia do dia, com o objetivo de os predispor para a Missa e encaminhar corretamente para o seu futuro como pessoas consagradas.



Conselho da Delegação Geral do Canadá, Hospital de Notre-Dame de la Merci, de Montreal – 12 de março de 1939.

A fim de melhor realçar a candura da sua figura, citamos duas afirmações de uma testemunha daquele tempo: *“As pessoas verdadeiramente grandes são aquelas que exercem a autoridade permanecendo simples”*. E ainda: *“Quando nos cruzávamos com ele, ia sempre, como se diz, ‘sauvette’”* (à pressa, de fugida). Aparecia para resolver alguma questão e partia imediatamente: era um homem que não se demorava muito.

O Ir. Guilherme iniciou um período discreto, que o viu assumir diferentes cargos como responsável por áreas importantes no âmbito da Ordem: conselheiro da Delegação canadiana, Superior local, Delegado Provincial e, mais tarde, Superior provincial no momento muito delicado da constituição da nova Província canadiana da Ordem, precisamente quando surgiram tensões internas relativamente ao planeamento do futuro imediato, a ponto de a situação exigir não só as visitas do Superior provincial francês e do Superior Geral, mas também a intervenção específica e direta da Santa Sé, que enviou dois Delegados extraordinários.

A 23 de fevereiro de 1939, foi nomeado 3º Conselheiro da nova Delegação do Canadá e, a 30 de março de 1941, o P. Henri Bourque, SJ, Visitador Apostólico, nomeou-o Delegado Geral do Canadá, em substituição do Ir. Mathias Barrett, e Superior do Convento-Hospital de São João de Deus, em Montreal. No dia 22 de maio de 1945, o mesmo P. Bourque, com a autorização do Superior Geral, Ir. Ephrem Blandeau, nomeou-o Superior Provincial e reconfirmou a sua nomeação como Ecónomo Provincial.

Terminada a II Guerra Mundial, foi finalmente possível realizar o primeiro Capítulo da Província do Ca-

nadá, que teve lugar a 10 de novembro de 1946, presidido pelo Ir. Éphrem Blandeau, Superior Geral. Nesse Capítulo, foi novamente eleito Superior Provincial.

Em 1947, o Irmão Guilherme autorizou a fundação de três novas obras no Canadá, mas viu-se em desacordo, primeiro, com o Superior do Hospital S. João de Deus, em Montreal (1947), depois, com o Definitório Provincial, contrário à nomeação de uma comissão leiga para o Hospital S. Agostinho, em L’Ancienne-Lorette (1948) e, novamente, com o Superior do Hospital de S. João de Deus, que reivindicou para si o cargo de Ecónomo.

A 25 de maio de 1948, depois de ter sido “dispensado” do cargo de Superior Provincial, como constará nas atas do Capítulo seguinte, o Ir. Guilherme foi nomeado Superior do Hospital de Santo Agostinho, em L’Ancienne-Lorette. Tornou-se um simples Irmão entre os seus Irmãos, um “coração à mão”, disponível de todos. Cuidava dos doentes, rezava com eles, fazia a limpeza da casa, esfregando o chão, à noite, durante o tempo de descanso, supervisionava e orientava as atividades dos voluntários e benfeitores.

Animou sempre as comunidades que lhe foram confiadas através do exemplo, e mais do que com palavras, foi capaz de resolver os vários problemas, com tempo e paciência.

Os membros da comunidade cedo se perceberam de que os atos concretos do Ir. Guilherme manifestavam a verdade e a beleza da sua pessoa. A sua humildade impressionava os religiosos com quem convivia mais de perto. A piedade na Capela, a bondade com os seus confrades e a compaixão pelos doentes refletiam muito fielmente o conteúdo

das suas cartas circulares. O Servo de Deus era de estatura bastante baixa, constituição frágil, saúde delicada, mas nunca se queixou disso: tinha, antes, uma vontade de ferro e um grande entusiasmo que animou toda a sua vida religiosa. Era dinâmico, ativo e despachado, assíduo no trabalho e muito devoto, dotado de uma simplicidade desarmante, zelo apostólico e caridade misericordiosa.

A um Irmão que, no Vietname, se admirava ao vê-lo realizar tarefas pesadas, quase como um operário, o Ir. Guilherme respondeu: *“Enquanto estou ocupado nestas tarefas, esqueço-me dos problemas maiores que me preocupam”*.



O Ir. Guilherme eleito Superior Provincial no 1º Capítulo Provincial do Canadá, presidido pelo Superior Geral, Ir. Éphrem Blandeau – 6 de novembro de 1946.

DESTITUIÇÃO DE SUPERIOR PROVINCIAL

O Visitador Geral, enviado de Roma, reconheceu que havia uma certa *debilidade e indecisão* em Gagnon. Muitas vezes, a ambição de uns provoca a infelicidade de outros. O Ir. Guilherme soube, sem aviso prévio, que teria de se demitir das suas funções de Superior Provincial no Canadá; um substituto estava à espera, na sombra, para lhe suceder. Devia apenas assinar a carta de demissão, que já tinha sido preparada. Só lhe restava a opção de aceitar a realidade dos factos.

Em duas cartas enviadas mais tarde ao Mestre Noviços, deixou transparecer a sua solidão e as angustiantes feridas causadas pela demissão, ao escrever: *“Abrigo-me nas chagas do Sagrado Coração de Jesus. Ele é a minha única consolação e só nele posso encontrar a felicidade, se é que existe alguma nesta terra”*. Contudo, nunca se ouviu da sua boca qualquer recriminação ou protesto oficial.

A tristeza provocada por esta demissão injustificada, que chegava mesmo a ser ilegítima, tinha-se dissolvido em oração.

As suas qualidades humanas e espirituais permitiram-lhe aceitar essa demissão e enfrentar a prova com força de espírito e sabedoria humana.

Oficialmente, ficou registado que foi ele a renunciar ao cargo; na realidade, porém, foi induzido a demitir-se, a 10 de maio de 1948.

É verdade que o Visitador Geral considerou que ele revelava fraqueza e incerteza no desempenho das suas funções de Superior; no entanto, na opinião de muitos religiosos, tratava-se sobretudo de prudência da parte do Servo de Deus, do seu esforço para preservar a unidade, a concórdia e a paz, e da sua louvável tendência para desdramatizar as situações mais delicadas. Por outro lado, era muito humilde e não estava de forma alguma agarrado aos botões de comando, estando pelo contrário sempre disponível e pronto a obedecer aos seus Superiores.

Os Irmãos consideravam que os atos concretos do Servo de Deus valiam muito mais do que muitos tratados sobre a caridade e a vida religiosa; a sua humildade era mais eloquente do que muitos discursos e, nas suas cartas circulares, insistia na piedade, na bondade em relação aos seus Irmãos e na verdadeira compaixão pelos doentes. Todo o seu zelo em difundir a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a preocupação com a saúde física e espiritual dos religiosos e dos doentes eram o reflexo da sua profunda espiritualidade, revelavam o elevado grau em que exercia as virtudes teológicas e morais, e a observância dos seus votos, incluindo o quarto voto de hospitalidade.

O Ir. Gagnon brilhava de modo extraordinário no exercício da caridade, mesmo e especialmente quando desempenhou as suas funções de Superior. Encontrava sempre tempo para servir a comida, lavar e cuidar dos doentes, reservando frequentemente para si aqueles que a outros causavam mais

repugnância ou que tinham doenças contagiosas, e realizava as tarefas mais ingratas, demonstrando a sua grande capacidade de acolher os outros e a vontade de servir, qualidades que suscitaram gestos de simpatia ao seu redor, especialmente no Vietname.

Apesar dos compromissos que lhe absorviam o tempo nas áreas da administração e direção a nível provincial, o Ir. Guilherme passava pelo menos uma hora por dia com os doentes, lavando-os, servindo-lhes as refeições, cuidando deles e confortando-os no seu sofrimento. Exortava frequentemente os seus Irmãos a fazer melhor, a cultivar a espiritualidade da Ordem Hospitaleira, dizendo-lhes: *“A nossa vocação é maravilhosa: consiste em cuidar de Cristo nos membros sofredores e conduzi-los até Jesus através da nossa vida de dedicação e caridade. Mas, para podermos fazer isto, devemos ter uma grande fé que nos faça ver em cada momento e em todos os nossos irmãos e irmãs, sejam eles quais forem, o mesmo Nosso Senhor. Esta fé ardente obtém-se através da oração”*.

Gagnon teve uma posição clara sobre a primazia da caridade, da sua lógica e dinâmica, mesmo em relação a realidades materiais específicas, que desvanecem sem o sentido da caridade. Considerava que a própria guerra em curso no Vietname teria continuado indefinidamente se não houvesse caridade, enquanto que, com caridade, teria cessado imediatamente: *“Nada pode ser bom e útil se não for feito por amor e caridade: a caridade é indispensável”*.

E, retomando os ensinamentos de São João de Deus, dizia: *“Tende sempre caridade, porque onde não*

há caridade não há Deus, embora Ele esteja em todo o lugar”.

Ajudar, amar, distribuir, partilhar, cuidar, ser amável, altruísta, benevolente, compassivo, empático, generoso, atencioso: estes são os verbos e adjetivos que se repetem para definir a vida de caridade do Irmão Guilherme.

O Servo de Deus soube ser um humilde instrumento de concórdia e harmonia entre os Irmãos, os doentes e os Colaboradores da Obra, resolvendo os conflitos e respeitando as diferenças culturais de cada um e de todos.

Uma manifestação particular de caridade é o quarto voto da Ordem, o da Hospitalidade, que o Servo de Deus praticou com radicalidade, paciência e perseverança. Foi fiel à vocação da hospitalidade, que sempre estendeu a todos sem qualquer discriminação social, política ou religiosa. Escreveu aos seus Irmãos: *“É melhor permanecer numa hospitalidade bem praticada e deixar o mundo continuar com as suas lisonjas”*.

Face às dificuldades que encontrou na sua missão, com uma vontade tenaz e precisa, dispôs-se a enfrentar, ao serviço dos doentes, qualquer situação que surgisse como resultado das condições da guerra e da guerrilha, demonstrando força interior corajosa e forte.

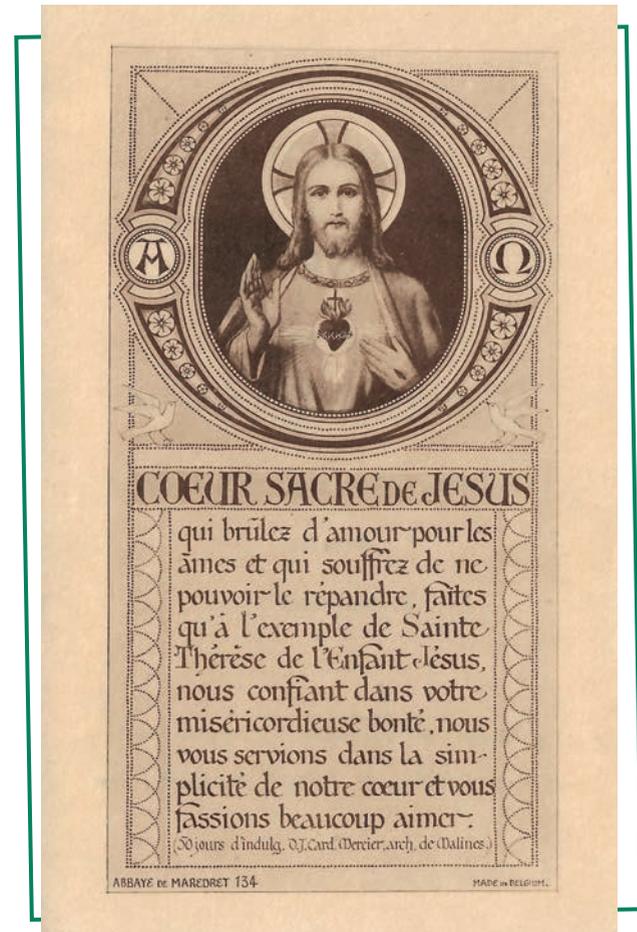
ESPIRITUALIDADE CRISTOCÊNTRICA E MARIANA

A espiritualidade do Ir. Guilherme gravitava em torno da Divina Providência, do Menino Jesus, de *Notre Dame de la Merci*, do Sagrado Coração de Jesus, das Chagas de Jesus e de São João de Deus. Rezava muito e com grande recolhimento; o seu olhar fixava-se muitas vezes no Tabernáculo, numa atitude serena e meditativa. Amava a todos sem distinção, era afável e austero, numa postura digna e discreta; encarnava a bondade em pessoa, especialmente com os doentes, que eram os seus predilectos, e tratava-os como se fossem seus filhos; tinha a mesma atitude com os jovens aspirantes e os formandos. Possuía o dom de ser um líder de grupo e de se fazer amar. Nunca foi indiferente com ninguém, mas simpático com todos. Mais do que um Superior, era um irmão, consciente das suas elevadas responsabilidades, que ele assumia confiando na assistência divina.

O Ir. Guilherme era dotado de uma “candura” excepcional. Confiava filialmente na Providência de Deus Pai, bom e misericordioso, que ama os seus filhos e pede a sua colaboração. Dizia muitas vezes aos seus Irmãos: *“Dirijo-me a vós como Pai”*

A sua especial devoção ao Sagrado Coração emergiu frequentemente nas Cartas que, como Superior Provincial, enviava aos seus confrades. Além disso,

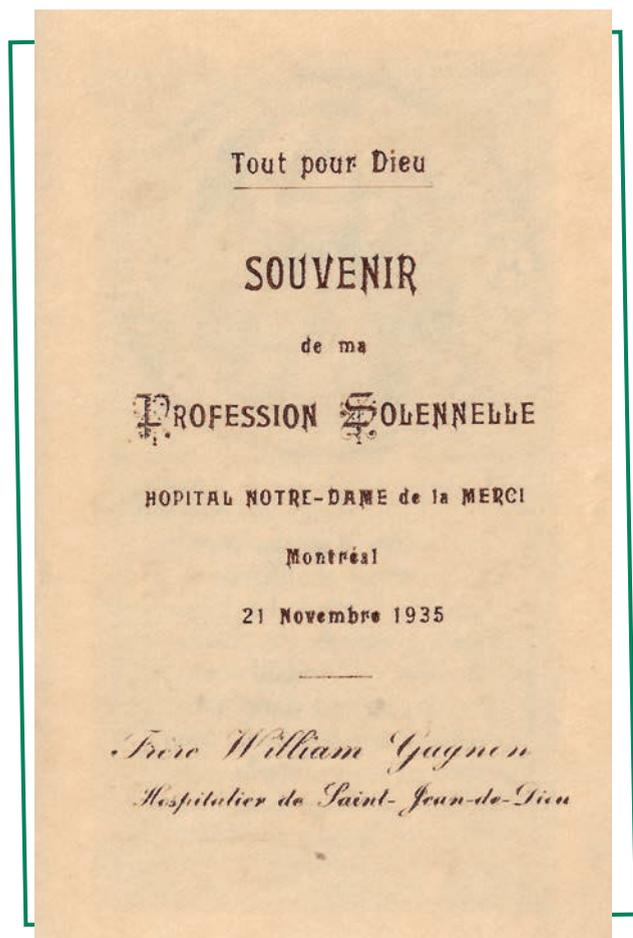
quando recebia os religiosos, noviços ou postulantes para uma entrevista, nunca deixava de lhes oferecer uma pequena imagem do Sagrado Coração, exortando-os a confiar n’Ele. Durante um retiro espiritual, consagrou toda a comunidade ao Sagrado Coração de Jesus. Nos momentos difíceis da guerra, durante a



Recordação da Profissão Solene – 21 de novembro de 1935, recto.

sua missão no Vietname, os seus colaboradores ouviram-no várias vezes recitar esta invocação: “Sagrado Coração de Jesus, tenho confiança em Vós”.

A devoção do Ir. Guilherme à Eucaristia era evidente nas suas constantes visitas ao Santíssimo Sacramento; sempre que passava pela Capela, de-



Recordação da Profissão Solene – 21 de novembro de 1935, verso.

tinha-se durante alguns minutos em oração e, por vezes, permanecia em adoração mesmo durante a noite. Estava particularmente atento à prática das primeiras sextas-feiras do mês, durante as quais a Eucaristia era exposta e todos os religiosos se revezaram para fazerem uma hora de adoração. Era frequentemente visto com o rosário nas mãos: o seu recurso à Virgem Maria era contínuo e atribuía-lhe o milagre de terem sobrevivido incólumes aos bombardeamentos. Costumava colocar uma pequena imagem de Nossa Senhora de Fátima virada na direção dos confrontos armados. Estender a mão, como o Menino Jesus, a Maria de Nazaré, era o pensamento profundo do Irmão Guilherme.

Desde os tempos da juventude até ao último momento da sua vida, implorou em todas as circunstâncias o apoio e o amor da Virgem Maria, Rainha do céu e da Terra, sabendo que Nossa Senhora conserva todos no seu coração e estando convicto de que Ela responderia aos seus pedidos.

Com o mesmo afeto que se tem por um ente querido, colocou no seu escritório de Montreal uma imagem do Sagrado Coração de Maria. À entrada do Noviciado, mandou colocar uma estátua de Nossa Senhora para encorajar a devoção dos noviços à Mãe de Deus. Um dia, ofereceu uma estatueta de Nossa Senhora a um jovem religioso que se encontrava hospitalizado.

Um dos seus confrades, o Ir. Gaston Morin, noviço quando o Ir. Guilherme era Superior, referiu que, observando os Irmãos em meditação, o Ir. Guilherme assumia a atitude de quem está na presença de

Alguém. Na Capela, não se deixava interpelar por nada nem ninguém, exceto quando era chamado para atender algum doente. Sorria sempre e abandonava-se à divina Providência, apesar das provas e dificuldades que surgiam.

O Ir. Guilherme tinha o dom de saber como dramatizar todas as situações. Quando se encontrava com pessoas pobres, sem família ou sem casa, abandonadas por toda a gente, fazia tudo o que estava ao seu alcance para as ajudar, dando-lhes generosamente o que podia. Tinha o dom de saber consolar os outros: depois de falar com um doente, ele readquiria a serenidade. E que dizer do dom da hospitalidade? A sua generosidade era ilimitada; era incapaz de dizer não, fosse a quem fosse.

Recitava diariamente a Ladainha de Nossa Senhora e desfiava as contas do rosário entre os dedos, mantendo-o debaixo do escapulário, entre a sua velha batina remendada e o seu cinto de couro, desgastado pelo tempo.

Enquanto se encontrava no Vietname, o nosso "Bom Samaritano" fazia frequentemente os seus retiros espirituais com os Padres Redentoristas e usava essas ocasiões para ir de jipe até Fyan, onde viviam os Koho, uma das trinta e três tribos que habitavam as zonas montanhosas.

Um dos padres Redentoristas era o motorista e fazia de intérprete entre a população da aldeia e o nosso "aventureiro". O Ir. Guilherme carregava no veículo tudo o que era necessário para um dispensário improvisado.

Em 1970, o Ir. Guilherme foi visitar uma leprosaria dirigida pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Admirava a dedicação das religiosas àqueles doentes, que eram marginalizados pela sociedade.

O nosso Servo de Deus soube combinar a dimensão espiritual e a temporal; fazia tudo por Deus. Na sua espiritualidade, nada havia de inseparável.

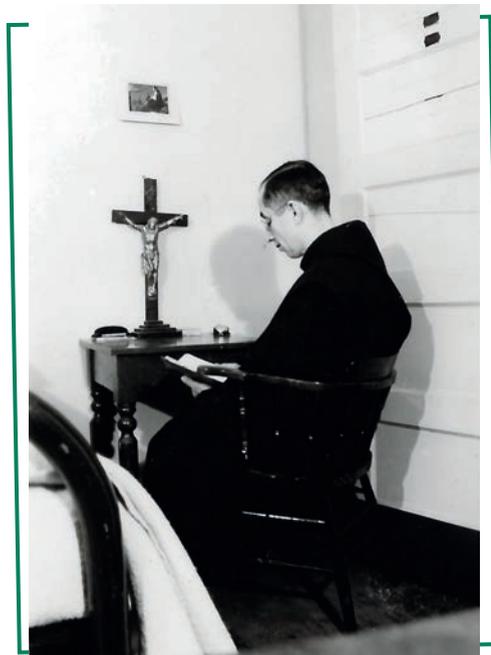
Viveu verdadeiramente uma experiência de vida unificada.



Altar do Sagrado Coração de Jesus, na Capela do Hospital do Sagrado Coração de Jesus, em Bui-Chu – 1952.

ABERTURA À MISSÃO

Após a sua demissão de Superior Provincial, em 1948, o Ir. Guilherme foi transferido para o Québec e foi nomeado 1º Conselheiro Provincial e Superior do Hospital de Santo Agostinho, em L’Ancienne-Lorette, onde se tornou responsável pela área da promoção vocacional. O seu pai, Delphin Gagnon, faleceu a 17 de janeiro de 1950, com 69 anos de idade. Durante os meses de outubro e novembro de 1950 substituiu o Superior Provincial, que tinha partido para a Europa, enquanto a Providência o preparava

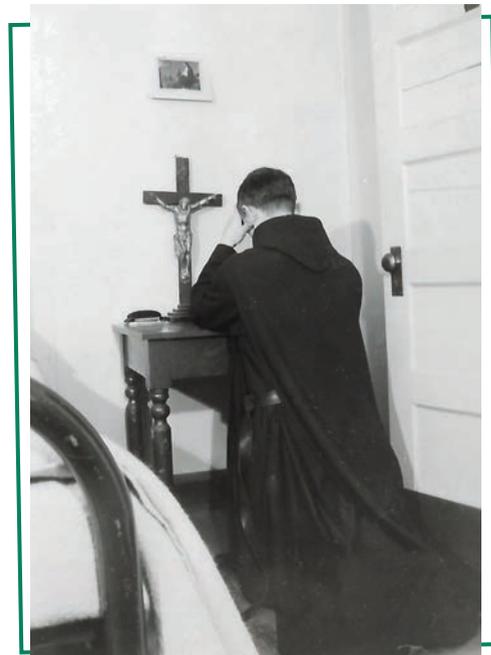


O Ir. Guilherme no seu quarto, no Hospital de S. Agostinho em L’Ancienne-Lorette – 1948-1951.

para deixar a sua pátria, os parentes e Irmãos, e fazer dele um verdadeiro missionário.

De facto, a Província dos Irmãos de São João de Deus no Canadá estava a planear a implantação da Ordem no Vietname. Guilherme Gagnon, sabendo embora o que o esperava naquele país distante, em 24 de dezembro de 1950 candidatou-se para se tornar missionário entre os pobres.

O seu pedido foi aceite, juntamente com os de dois outros Irmãos e, a 19 de outubro de 1951, o Definitório Provincial adotou a resolução de os enviar em missão



O Ir. Guilherme em oração.

para a Indochina. Assim, através de uma circular com a data de 24 de outubro de 1951, inspirada pela Encíclica *Evangelii praecones* sobre o anúncio do Evangelho, o Superior Provincial do Canadá, Ir. Exupère Vien, comunicou a nomeação do Ir. Guilherme como Superior e Fundador da missão na Indochina, exortando o Servo de Deus e os restantes Irmãos a *“levar a este vasto campo da Indochina a tocha da caridade pela qual a nossa Ordem recebeu a missão oficial da Igreja”*.

Assim, aos 46 anos de idade e já com a saúde precária, o Servo de Deus embarcou numa viagem interminável, que durou cerca de um mês, com os Irmãos Norbert Laserte e Richard Larivée. Os três religiosos chegaram à Indochina a 18 de janeiro de 1952, desembarcando em Bui-Chu, no Vietname do Norte. Depois, dirigiram-se para o Hospital do Sagrado Coração, que tinha sido abandonado por uma comunidade religiosa feminina, em 1950, de-



Partida dos Irmãos Norbert, Guilherme e Richard para o Vietname – 1951.

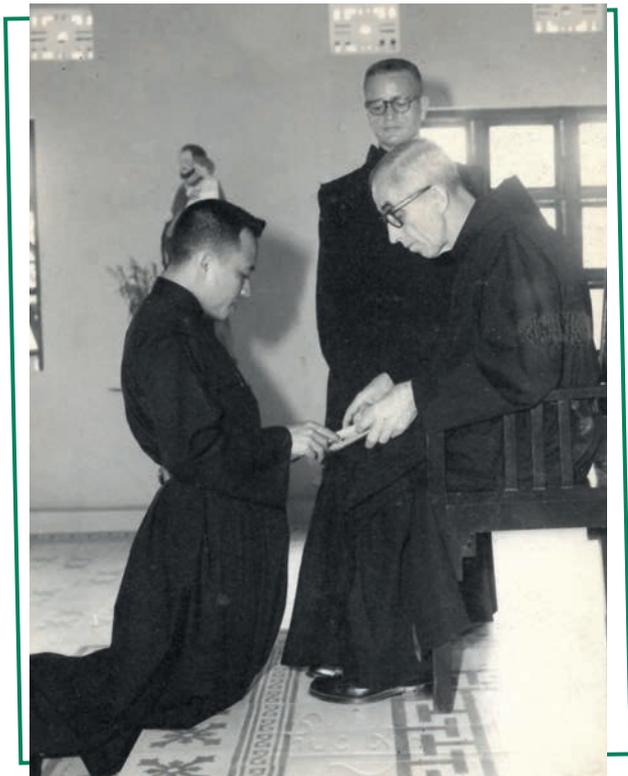


Hospital de Honai – 1956.

vido à insegurança política. No entanto, devido à guerra, de 15 de junho até 10 de julho, viu-se forçado a sair de Bui-Chu e a refugiar-se, primeiro, em Hanói e, depois, em Dalat (Vietname do Sul), numa casa dos Redentoristas, aí permanecendo com um dos seus companheiros durante alguns dias. Mais tarde, um avião levou-os para Nam-Dinh, onde foram recebidos por uma delegação de sacerdotes e seminaristas. Passaram a primeira noite na residência do bispo, mas foram acordados de manhã pelo fogo cruzado das artilharias. Quando chegaram ao antigo hospital, tiveram de cuidar imediatamente de um jovem que para ali tinha sido levado de maca, em estado muito grave: além de ferimentos em várias partes do seu corpo, tinha perdido uma perna devido a uma bomba que explodira perto dele. Infelizmente, o hospital já não tinha a farmácia e nem sequer havia um frasco de morfina para acalmar a dor. O pobre homem não era, mas quis tornar-se cristão e, antes de morrer, foi batizado. O bispo correu também imediatamente e disse aos frades: *“Vedes quanta necessidade temos aqui de vós!”*

A 28 de julho de 1953, o Ir. Gagnon foi nomeado Superior do Hospital do Sagrado Coração, em

Bui-Chu. Passados doze meses, durante a invasão comunista, foi ameaçado de morte e viram-se obrigados a abandonar o Hospital do Sagrado Coração, em Bui-Chu, que deixou de existir. Entre setembro e outubro de 1954, Gagnon restabeleceu a missão numa antiga prisão, em Tam Hiep (Vietname do Sul). Em julho e agosto de 1955, iniciou a construção de um hospital em Honai, na província de Bien-Hoa. A 8 de agosto de 1956 foi nomeado Superior da Missão de Nossa Senhora do Bom Conselho, em Honai (Bien-Hoa) e Delegado Provincial.

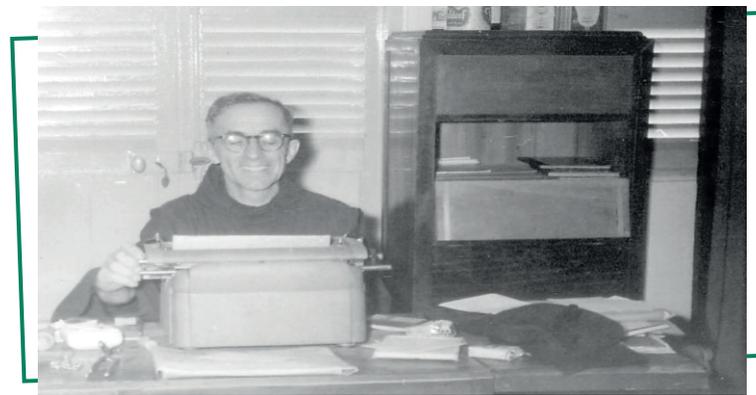


O Ir. Guilherme recebe os votos de um jovem professo – 1960.

CORRESPONDÊNCIA

O Ir. Guilherme gostava de se manter em contacto epistolar com as pessoas, como se precisasse disso para lhes transmitir um sinal de vida. Escreveu principalmente a membros da sua família religiosa, mas também aos seus familiares que viviam na Nova Inglaterra. Utilizava papel timbrado e dactilografava as suas cartas, das quais conservava a cópia obtida através de papel químico: as que enviava pelo correio demoravam cerca de duas semanas a chegar aos destinatários.

Quando uma carta não abordava assuntos canónicos, acrescentava nas margens notícias para os seus jovens Irmãos, poupando assim tempo e dinheiro. Com eles, partilhava também a leitura de certas cartas, como forma de quebrar o isolamento em que os religiosos se encontravam e de manter laços com o Canadá.



O Ir. Guilherme ocupado na preparação de correspondência.

A compaixão do Ir. Guilherme tornava-o sensível às vicissitudes da vida dos outros e demonstrava a sua sensibilidade também por correspondência.

Um dia, reparou que um jovem missionário estava triste e convidou-o a restabelecer o contacto com os seus pais, especialmente com o pai, pois tinha-se criado uma certa frieza entre eles. O próprio Ir. Guilherme tomou a iniciativa de escrever directamente ao Superior Provincial do Canadá, que se encontrava com o seu tio materno, e ao director espiritual desse religioso.

Esta iniciativa permitiu restabelecer gradualmente as relações entre o jovem missionário e os seus pais.

UMA INSTITUIÇÃO DE CARIDADE VIVA

Desde o início da guerra na Indochina, o Ir. Guilherme implorava que os céus protegessem a Missão-Hospital do Sagrado Coração, em Bui-Chu.

Tendo em conta a intensidade e a direcção dos ataques, colocou uma pequena estátua de Nossa Senhora de Fátima como garantia de protecção da Missão. Com este simples gesto, suplicava que a Virgem Maria abrisse os olhos e os corações dos beligerantes e os conduzisse ao diálogo para que pusessem termo aos combates e empreendessem outras iniciativas de paz.



Vista panorâmica do Hospital do Sagrado Coração, em Bui-Chu – 1952.

Os muros em redor da Missão estavam cobertos de arame farpado, um símbolo de desespero, mas apesar disso, a Missão era um símbolo de como a compaixão e a dedicação podiam interromper o fragor da morte e, sobretudo, garantir a defesa e o respeito pela dignidade das pessoas.

Por vezes, o inimigo lançava granadas que caíam no telhado inclinado da capela. Ouvia-se apenas o ruído surdo do bater da granada, que rebojava depois até ao chão, onde se perdia na relva húmida da madrugada.

A proteção do Céu parecia não querer dar-se por vencida. Neste ponto do país, os Irmãos de São João de Deus tinham nas suas mãos as “granadas da Caridade”.



Momento de fraternidade.

GESTOS HUMILDES DE HOSPITALIDADE

O Ir. Guilherme cuidava dos doentes, dos pobres e dos refugiados como se se tratasse de reparar os sofrimentos de Cristo na cruz. Para este missionário, o alívio do sofrimento dos outros constituiu a razão de ser da sua vida. No quarto, ajoelhava-se frequentemente diante do Crucifixo.

Na celebração da Eucaristia e durante a adoração meditava sobre a vida, a paixão e a ressurreição de nosso Senhor. Dessa morte injusta e absurda, surgia a Vida.

O Ir. Guilherme contemplava e agia. Sentia-se im-preparado em relação a teorias académicas e indigno de receber honras; preferia sempre colocar-se no último lugar. Sentia-se mais útil segurando a mão de uma pessoa doente, ou preparando o corpo de uma pessoa morta para a sepultura.

O doente curado no dia anterior, a família recebida de manhã, no dispensário, o corpo do defunto enterrado à tarde: era toda esta humanidade dilacerada pelo sofrimento que o Ir. Guilherme apresentava a Jesus.

Através dela, o seu coração batia ao ritmo da Verdade: Cristo.

O respeito por cada doente era para ele uma regra absoluta, uma forma genuína de praticar o voto de hospitalidade, próprio dos religiosos hospita-

leiros de S. João de Deus. Era impressionante vê-lo ajoelhado junto às camas dos doentes para medicar as suas feridas e chagas, mesmo as mais repugnantes.

O Bispo de Xuân Lôm narra, quase como numa página de *Florzinhas*, um episódio que demonstra eloquentemente o grau de caridade exercido por Gagnon. Nela se lê:

“Num dos primeiros dias do ano vietnamita, um doente com graves problemas pulmonares foi levado a correr para o hospital. O Ir. Guilherme tomou-o nos seus braços. Este homem doente vomitou sangue no



O Ir. Guilherme assiste um ferido de guerra – 1953.

pavimento da sala e na roupa do Ir. Guilherme. E morreu. O Servo de Deus, com esse doente ainda nos braços, beijou-o sem manifestar qualquer repugnância e levou-o para o dormitório. A fé e a caridade ajudaram-no a vencer e a superar a sua repugnância perante certas situações desagradáveis da nossa frágil natureza humana”.

Muitos religiosos confessaram que sentiam a sua vocação fortalecida ao verem o Ir. Guilherme a trabalhar ao lado dos doentes.

A dedicação e humildade com que o Ir. Guilherme trabalhava e a capacidade que ele tinha de par-



Visita do Bispo local, Mons. Pham-Ngoc-Chi, à Comunidade – janeiro de 1952.

tilhar o sofrimento dos outros, contagiavam também de certa forma os seus Colaboradores, criando no hospital, lugar de sofrimento, um clima de serenidade e paz.

Um dos Irmãos revelou que o Ir. Guilherme era como um pai, cheio de bondade e amor. Por vezes, ficava aborrecido ou irritado, devido à dificuldade da língua; porém, quando se apercebia disso, pedia imediatamente perdão.

O Servo de Deus viveu o quarto voto de hospitalidade contentando-se sempre com o pouco que tinha, ao mesmo tempo que era muito generoso



A Comunidade de Bui-Chu – 1953.

com os outros. Dava a impressão de querer sempre beneficiar o próximo; para si próprio, nunca pedia fosse o que fosse. O hábito que usava era remendado e delido.

Tinha um espírito de serviço muito elevado: para si, reservava muitas vezes os trabalhos mais desprezíveis, como arrancar as ervas daninhas, limpar o chão, as casas de banho...

Uma testemunha afirmou: *“Tendo-me encontrado várias vezes com o Irmão, reparei que ele se dedicava completamente a cuidar dos doentes. Todas as manhãs ia ao mercado, de carro, para comprar provisões e aquilo de que os doentes precisavam. À tarde, visitava os doentes e controlava as suas condições de saúde. Quando via ambientes sujos, arregaçava as mangas da sua batina e começava a limpá-los. Todos os sábados distribuía arroz e leite aos doentes pobres. A sua caridade era totalmente dedicada ao serviço dos doentes e dos pobres”*

O Ir. Guilherme tratava os doentes, os pobres e os refugiados como se estivesse a cuidar dos sofrimentos de Cristo na cruz. Para este missionário, a sua razão de ser consistia em aliviar o sofrimento dos outros. Diante do Crucifixo, encontrava o sentido da própria vida e do seu sofrimento.

BELO CONCERTO!

O Ir. Guilherme usava esta expressão nas suas cartas para aludir às explosões das bombas e armas de fogo. Desta forma, censurava com ironia a maldade dos homens, cegos por um poder destruidor. Segundo ele, essa brutalidade acabaria por desaparecer como um pesadelo.

Quando, de noite, como se fossem jogos pirotécnicos, as explosões iluminavam o céu, o Ir. Guilherme ia para a Capela. Ali, sozinho ou na companhia de algum Irmão, pedia a Deus que protegesse todos os refugiados que viviam esses momentos de terror. Rezava a Nossa Senhora para que a paz voltasse ao coração de cada pessoa.

Em breve, os episódios de guerra tornar-se-iam habituais. Apesar dos riscos e dificuldades, o Ir. Guilherme enfrentou as provações do conflito confiando em Deus. Aos irmãos que lhe perguntavam se não tinha medo de ser atingido por alguma bomba ou bala, ele respondia: *“Devemos confiar na Providência de Deus! Deus protege-nos sempre na sua misericórdia. O tempo é de Deus. Viver ou morrer, é Ele quem decide. Do que é que temos medo?”* O exemplo do Superior também encorajava notavelmente os Irmãos, que estavam mais determinados do que nunca a permanecer no seu lugar, independentemente do que acontecesse. E foi precisamente essa coragem que fez surgir numerosas vocações.

O Ir. Jean de Dieu Spenard, que teve o Servo de Deus como seu Superior no Noviciado e, depois, tra-

balhou com ele durante nove anos no Vietname, refere: *“O Ir. Guilherme, apesar do seu fraco domínio da língua local, era o mais amado e admirado pelos vietnamitas, que não compreendiam como esse estrangeiro conseguia manter-se tão humilde e tranquilo, apesar dos seus pesados compromissos, sempre pronto a ouvir toda a gente. Estavam certos de que ele compreendia as suas necessidades, e essa atitude conquistava os seus corações. Durante os primeiros anos de vida missionária, vi-o sempre igual a si mesmo: como religioso exemplar que era, convidava-nos a imitá-lo, aceitando as tarefas mais humildes, como cuidar do galinheiro, criar e cuidar dos porcos, ocupar-se da jardinagem, e fazer diariamente as compras no mercado. A sua vida foi uma doação contínua de si próprio, feita da melhor maneira. Ele pregava mais pelo exemplo do que pela palavra, e era isso o que me impressionava.”* A sua capacidade de “pregar” mais pelo exemplo do que pela palavra é o tema que perpassa continuamente nos lábios de todos os que o conheceram.

Os três religiosos hospitaleiros da missão deviam ocupar-se do Hospital do Sagrado Coração e do dispensário adjacente, em Bui-Chu, localidade situada a 120 km a sul de Hanói, no delta do Rio Vermelho. Era uma tarefa particularmente árdua, pois tratava-se de substituir profissionais qualificados, especialmente franceses, que tinham partido devido ao agravamento da situação, deixando a população local sem assistência hospitalar. O edifício tinha sido espoliado, ficando sem medicamentos nem equipamentos clínicos. Os sucessos obtidos atribuíam-os a Nossa Senhora de Fátima, cuja estátua se encontrava à entrada da aldeia, e ao Sagrado Coração de Jesus.

UM MISSIONÁRIO PORTADOR DE ESPERANÇA E PERDÃO

Durante o conflito, o Ir. Guilherme sofreu com o povo vietnamita a fome e a falta de bens de primeira necessidade, mas não hesitou em ocupar-se das crianças, dos idosos e dos pobres, cujos corpos tinham sido dilacerados por metralhadoras e bombas. O Servo de Deus curava a todos, sem qualquer distinção política ou social, quer fossem guerrilheiros ou soldados regulares: para ele, não fazia diferença. Tinha manifestado claramente ao governo a necessidade de que fossem assistidos no hospital todos os tipos de doenças e de pacientes, sem qualquer discriminação de natureza política ou étnica.

Em 1954, o norte do país estava à beira de cair nas mãos dos comunistas. Era necessário responder a diversas emergências causadas pelo afluxo de refugiados, cerca de oitocentos mil, que se dirigiam para o Sul do país. Além de vaciná-los em massa contra a varíola e a cólera, juntamente com os Padres Redentoristas, os Irmãos ajudaram-nos a pôr-se a salvo. A situação tornara-se verdadeiramente perigosa. Numa carta escrita à sua irmã, Ir.^a Marie-Ève, o Ir. Guilherme referiu-se ao sério risco em que a comunidade se encontrava por causa de um doente.

Tratava-se de um homem gravemente doente, ao qual o Ir. Guilherme e dois outros Irmãos tinham prestado assistência médica e cuidados de saúde,

que fez chegar uma fotografia dos Irmãos a um grupo de guerrilheiros. Como e quando essa foto foi tirada nunca se soube, mas a prisão e mesmo a pena de morte pairavam por isso sobre as cabeças dos Irmãos.

Perante esta situação, o Ir. Guilherme sentiu-se como o tivessem levado para uma espécie de Horto das Oliveiras.

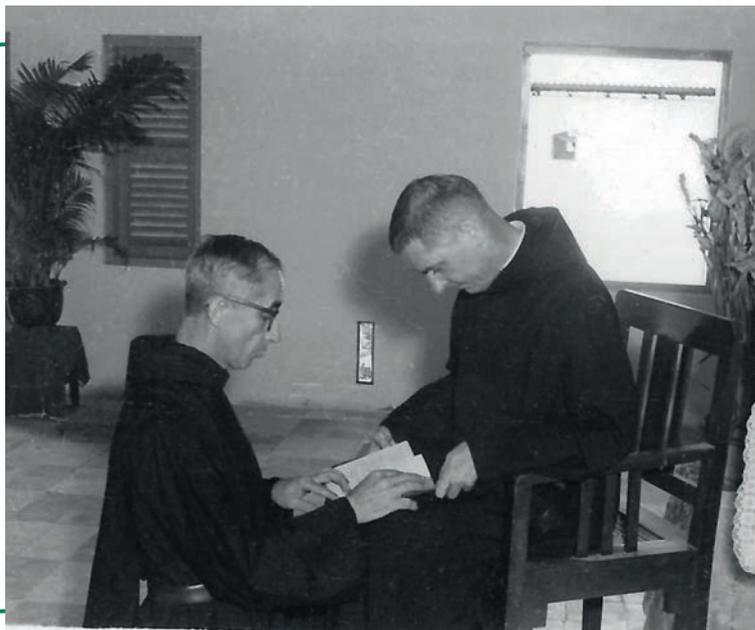


O Ir. Guilherme num momento de descanso – 22 de dezembro de 1957.

Recordou-se que tinha aconselhado dois padres belgas a serem muito prudentes. Talvez eles, inconscientemente, não se tivessem importado com isso nem levado a sério o aviso. Aconteceu que os guerrilheiros os capturaram e soube-se mais tarde que tinham morrido na cadeia.

Por sugestão do Bispo, os nossos três religiosos canadianos ausentaram-se durante alguns dias da Missão.

“Por vezes – comentava o Ir. Guilherme, recordando-se destes episódios – até mesmo aqueles a quem ajudamos ou que receberam a nossa assistência agra-



Bodas de Prata de Profissão Religiosa – 22 de dezembro de 1957.

decem-nos com a ingratidão. E a ingratidão chega ao ponto de ser proporcional à ajuda recebida.”

Em 1956, o Ir. Guilherme foi nomeado Superior do novo Hospital, em Honai, que quis intitular a Nossa Senhora do Bom Conselho, segundo uma promessa feita antes de partir para o sul do país. Não faltavam obviamente as dificuldades, mas a Providência correspondia sempre generosamente aos esforços dos Irmãos. No meio das dificuldades, surgiram novas vocações. Havia agora dezassete jovens postulantes que queriam preparar-se para a vida religiosa hospitaleira. É espantoso que, apesar do seu fraco conhecimento do vietnamita, o “Irmão Nhan”, como era carinhosamente apelidado o Ir. Guilherme, fosse bem conhecido por todos. A sua grande simplicidade, bondade, humildade e o sorriso no seu rosto, emaciado pela fadiga, com que assistia os doentes, realizando mesmo as tarefas mais repugnantes, fez dele um verdadeiro filho de São João de Deus e todos ficaram conquistados por ele. A sua presença era para todos um sinal de esperança e de segurança.

CONSUMIR-SE POR AMOR

Com os pés bem firmes nesta terra que, entretanto, o tinha adotado e com o olhar fixo no horizonte, o Ir. Guilherme acolhia os refugiados. Acompanhado pelos seus Irmãos, curava as feridas e cuidava das feridas espirituais das vítimas da guerra.

Rezava para que aquela realidade cruel fosse apenas um pesadelo do qual todos pudessem libertar-se. Supervisionava a construção de estruturas que corriam o risco de ser destruídas pelas bombas, num instante. Ajudava também no fabrico dos tijolos, transportando areia e barro, ao lado dos trabalhadores que se dedicavam a essa tarefa.



O Ir. Guilherme no mercado – 1956.

Dizia sempre que, sem a caridade, qualquer ato seria estéril, não teria força real.

Este religioso vindo do Ocidente costumava confundir-se com as multidões no mercado de Bien-Hòa. Quando regressava a casa, passava pela Capela, para rezar. Após essa breve pausa, ia para a cozinha preparar uma sopa nutritiva para os doentes de tuberculose, que eram os mais pobres dos pobres.

Na hora das refeições, insistia para que todos se alimentassem bem. Os seus confrades trabalhavam arduamente para prestar cuidados de saúde e assistência médica.

Já próximo do fim da sua vida, dedicava o tempo a pôr em ordem os seus medicamentos e a escrever breves palavras aos seus familiares. Pedia desculpa por não conseguir fazer mais e por se ter tornado um peso para os seus Irmãos.

Toda a sua vida se assemelhou a uma lâmpada acesa que se vai consumindo, não para si próprio, mas para o próximo e, sobretudo, para o Senhor.

LÁGRIMAS DE COMPAIXÃO

Embora sentisse um forte desejo de ajudar as pessoas, por vezes faltavam-lhe as palavras para as consolar. E não lhe faltavam apenas as palavras! Também não dispunha de instrumentos cirúrgicos para salvar um ser humano moribundo.

Para salvar uma mulher gravemente ferida, o Ir. Guilherme preparou com o e tinha à mão uma mesa de operações, para que dois dos seus Irmãos pudessem tentar uma amputação de emergência.

Face a esta cena trágica, teve o cuidado de mandar afastar temporariamente as crianças para longe. Mais tarde, a pedido da mulher ferida, já moribunda, derramou sobre ela a água do batismo.

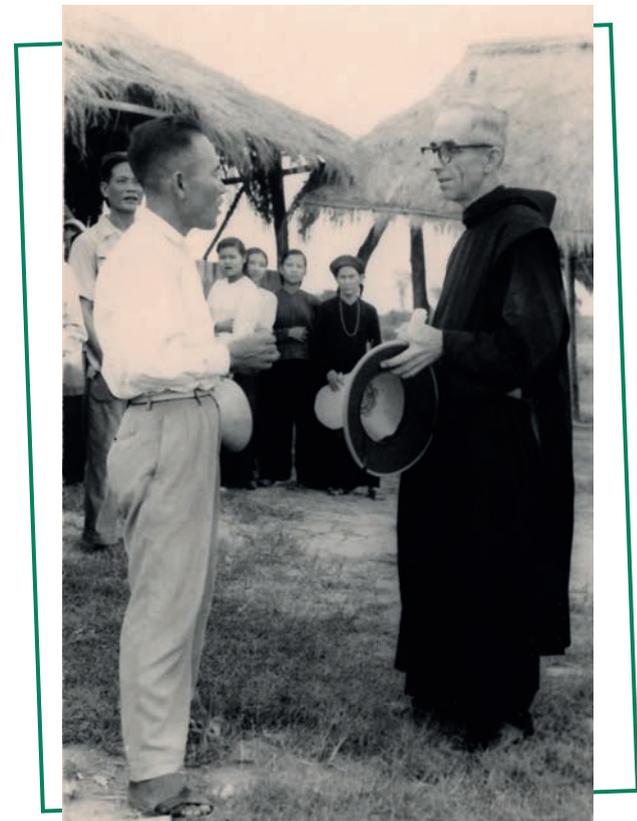
Foi então que essa mulher respirou, resfolegando, e morreu. Com tristeza, um dos enfermeiros baixou a cabeça, constatando que não se podia fazer mais nada. O Ir. Guilherme aproximou-se dela com um gesto de compaixão e fechou-lhe os olhos. Entregou o corpo à família. Em muitos casos, ele próprio se encarregava de preparar o cadáver para a sepultura.

Tendo ficado sozinho, olhou para o horizonte e as lágrimas correram-lhe pelo rosto, mas a sua confiança na misericórdia de Deus nunca vacilou.

CAPAZ DE PERDOAR

Quando o feriam, o Ir. Guilherme oferecia a outra face, sem resistência.

Perante uma atitude ofensiva, via não só uma oportunidade de redenção, mas também de perdão.



O Ir. Guilherme em diálogo em Honai – 1959.

O outro não estava isento de culpas, mas tinha também qualidades e talentos. Um dissídio abria sempre a porta a uma possível reconciliação.

Quando o Ir. Guilherme julgava ter ofendido alguém, ia ter com a pessoa e pedia-lhe desculpa.

Frequentemente, agia como pacificador, fazendo de mediador entre pessoas que estavam em conflito entre si. Apresentava a uma as qualidades da outra e explicava a esta o desejo que a primeira manifestara de mudar o seu comportamento. O Ir. Guilherme destacava as luzes, sem insistir nas sombras. Via na fraternidade uma oportunidade para extinguir o ressentimento, rejeitar o desprezo e recompor relações que pareciam estar comprometidas ou perdidas para sempre.



Entrega da Medalha de Honra ao Mérito – de agosto de 1967.

COINCIDÊNCIAS EXISTENCIAIS

As nossas vidas assemelham-se muitas vezes a cenas de um filme – apenas as datas e o cenário são diferentes. Partilhamos a nossa condição humana sob o olhar atento de Deus. Frequentemente, o mesmo acontece entre um Fundador e os seus filhos espirituais.

Os biógrafos de São João de Deus contam que um pajem travesso, para o testar, *“Chegou-se a ele, deu-lhe um empurrão e atirou com ele para um tanque cheio de água que havia no meio do pátio”*. O mendigo de Granada reagiu com humildade, mas também com sentido de humor, *“com palavras e gestos de alegria”*.

No século XVI São João de Deus carregava lenha aos ombros e enchia a sua bolsa com sobras de comida. Quatro séculos mais tarde, o Ir. Guilherme recolhia materiais que o exército americano deixava fora, mas que podiam ser utilizados para o hospital e a comunidade: cadeiras, secretárias, pedaços de tubos, etc.

Com a ajuda de alguns Irmãos, transportava esses materiais no veículo da Missão e levava-os para casa.

Um dia, alguns soldados de passagem puseram-se a rir do nosso “reciclador”. O Ir. Guilherme respondeu às suas gargalhadas pondo-se também ele a rir, com visível prazer. Tinha encontrado naquele local objetos e materiais que ainda poderiam ser úteis, praticando, direta ou indiretamente, a hospitalidade. Era a sua paga do dia.

INTUIÇÕES PROVIDENCIAIS

Nos dias 30 e 31 de janeiro de 1968, durante as celebrações do *Têt*, o dia de Ano Novo do Vietname, o exército norte vietnamita e os vietcongues lançaram um ataque de surpresa ao exército sul-vietnamita e às forças americanas.

Nos dias seguintes ao ataque, cerca de 7.000 refugiados ocuparam o terreno da Missão, estabelecendo-se em redor do convento, do hospital e de outros edifícios.

O Ir. Guilherme ficou impressionado ao ver essa multidão extraordinária. Poucas horas depois da ocupação da área, começou a preocupar-se com as condições insalubres e a possível propagação de doenças. Por isso, embora com relutância, decidiu pedir aos Irmãos que convidassem a multidão a dispersar.

Os refugiados recolheram os bens que tinham levado consigo e partiram, com as crianças, carregando aos ombros os poucos haveres de que dispunham.

Na noite seguinte, um ataque militar abalou toda a região de Saigão. Algumas bombas caíram no terreno da Missão e mataram as poucas pessoas que se tinham recusado a partir.

Para espanto dos confrades, a decisão do Ir. Guilherme tinha poupado a vida a muitas pessoas.

Um segundo acidente merece ser recordado. No Verão de 1969, num dia de calor sufocante, o Ir. Guilherme dispensou excepcionalmente os seus Irmãos do tempo de recreio no salão da comunidade. E todos decidiram voltar às suas ocupações. Isso salvou-lhes a vida, pois, momentos depois, um foguete rebentou no meio da sala.

Os Irmãos não puderam deixar de interpretar estes factos como um sinal de uma iluminação providencial, da qual o Ir. Guilherme era o mensageiro.

UMA BALA ACIDENTAL

Encontramo-nos no contexto do *Têt*, em 1968. Havia combates renhidos à volta da Missão. Ouvia-se o troar e o silvo das armas, para não falar das explosões de bombas. Os Irmãos tinham-se deitado por terra. Preparavam-se para morrer. Assustados, acordaram o Ir. Guilherme que, numa voz ainda ensonada, lhes perguntou a razão de semelhante nervosismo.

Não estariam demasiado preocupados? Segundo disse, eles tinham de confiar em Deus e de recuperar as suas forças para o trabalho que os aguardava no dia seguinte. A última hora ainda não tinha chegado! O tempo apenas a Deus pertence!

Mas eis que se ouve o estrondo de uma bala e um Irmão correu para o ponto onde se encontrava o Ir. Guilherme, empurrando-o para dentro da sua cela. A bala estilhaçou uma das ombreiras de madeira da porta, mas o Ir. Guilherme mantinha a sua calma habitual.

REGRESSO À PÁTRIA

Em agosto de 1959, o Ir. Guilherme regressou a Montreal, ao Hospital de *Notre-Dame de la Merci*, a participar no Capítulo Provincial que teve lugar no mês de outubro, no qual foi eleito 2º Conselheiro. Permaneceu no Canadá durante três anos (para ele, dois longos anos), durante os quais recuperou a saúde. Aproveitou a oportunidade para visitar a sua família e, especialmente, a mãe, que se encontrava gravemente doente. O Superior Provincial, Ir. Judaicæil Maréchaux, não queria que ele voltasse para o Vietname, devido à sua idade (56 anos), ao clima e à guerra em curso. Mas o Ir. Guilherme só sonhava com o regresso a esse país. O período de descanso que lhe foi imposto pelos seus Superiores foi uma grande cruz, embora ele se tivesse abandonado à Providência: *“Se o bom Deus não deseja que algo ocorra, – dizia – nada há a fazer”*. Mas era evidente que o seu coração estava no Vietname.

Finalmente, antes de terminar o ano de 1962, o Ir. Guilherme foi autorizado a partir para o Vietname: fez uma escala em Roma, para se demitir do cargo de 2º Conselheiro Provincial, e retomou o cargo de Superior do Hospital Nossa Senhora do Bom Conselho, em Bien-Hoa, Honai, até 1968.

Mais tarde, as condições de saúde do Ir. Guilherme pioraram. Considerando que já não podia desempenhar plenamente as suas funções, e para não se tornar um fardo para a já sobrecarregada comunidade missionária, em abril de 1971, para surpresa de todos, solicitou o seu regresso ao Canadá. O

pedido foi deferido pelos seus Superiores, em uma carta datada de 4 de julho de 1971. Entretanto, devido a um contratempo, o Superior Provincial, Ir. Elias Le Gresley, pediu-lhe que permanecesse em Honai por mais algum tempo, para auxiliar o Superior e continuar a dar bom exemplo aos noviços vietnamitas. O Ir. Guilherme colocou-se à disposição do Superior Provincial e correspondeu de todo o coração ao pedido. Não podia certamente contradizer o seu próprio ensinamento quem, como Superior Provincial, escrevera em 23 de dezembro de 1944, numa circular: *“Para vós, especialmente para os religiosos professos, peço a Deus que vos encha das suas graças e vos conceda o dom de compreender cada vez mais, todos os dias, a pesada tarefa que tendes: dar sempre um bom exemplo aos jovens religiosos, orientá-los e fazê-los compreender a beleza da nossa vocação hos-*



O Ir. Guilherme com o irmão, Elie Le Gresley – agosto de 1968.

pitaleira, através do cumprimento de todos os nossos compromissos e deveres religiosos”.

O adiamento daquele regresso ao Canadá tornou-se fatal para a saúde do Ir. Guilherme. Em setembro, sofreu um grave ataque de flebite que lhe causou dores contínuas e lancinantes nas pernas. Depois, a 23 de dezembro, um enfarte do miocárdio deixou-o acamado durante sete semanas. Para além do sofrimento causado pela doença, juntava-se a dor de não poder ajudar os outros: ofereceu tudo ao Sagrado Coração de Jesus, sua constante referência espiritual. O seu estado de saúde agravou-se ainda mais, de tal forma que, a 28 de fevereiro de 1972, após repetidos ataques cardíacos, foi decidido transferi-lo para o Hospital governamental de Saigão, onde recebeu melhores tratamentos. Mas era demasiado tarde: pouco depois da sua chegada a esse hospital, às 12,05 horas desse mesmo dia, o Servo de Deus faleceu, amparado por um dos seus Irmãos. Tinha recebido os sacramentos antes de ser transferido para o hospital. As suas últimas palavras foram: *“Meu Deus”*.

ENVOLTO NUM LEITO DE FOLHAS DE CHÁ

Antes de tomar qualquer decisão, o Ir. Guilherme confiava sempre em Deus, rezando. Assim aconteceu durante o seu discernimento para entrar na Ordem Hospitaleira, deslocando-se ao Santuário de *Sainte-Anne de Beaupré*, gerido pelos Redentoristas, perto da cidade de Québec, no Canadá.

Esta sua relação com os Redentoristas acompanhou-o frequentemente, também durante o tempo que passou no Vietname; de facto, durante as tentativas de fundação em Búi-Chu, Hanoi e Honai esteve acompanhado por alguns missionários redentoristas canadianos que se mantiveram perto dele até à morte.



O Ir. Guilherme e o Ir. Maurice Clément, enfermeiro, em Honai, Bien-Hoa – 25 de fevereiro de 1972.

Das suas plantações de chá, enviaram para a Misão de Honai folhas suficientes para com elas formar um estrado verde sobre o qual, envolto num lençol branco, o corpo do Ir. Guilherme foi deitado e exposto no dia da sua morte. Enquanto os seus restos mortais repousavam sobre esse leito de folhas de chá, o Céu acolhia a sua alma.

O caixão foi velado por um pelotão militar, em reconhecimento dos serviços que ele e os Irmãos tinham prestado ao povo. Pela mesma razão, em 1967, o Primeiro Ministro, General Nguyen Cao-Ky, tinha-lhe atribuído a Medalha de Honra ao Mérito.

Na homilia proferida durante as exéquias, o celebrante repetiu uma frase que os Irmãos tinham muitas vezes ouvido o Ir. Guilherme proferir: *“Escolhi esta terra para minha pátria”*.

O povo de Honai quis que os restos mortais do Ir. Guilherme fossem colocados num caixão feito de madeira preciosa de teca, que foi depois depositado num túmulo feito de blocos de alvenaria, onde ainda hoje se encontra, junto da Capela e aos pés da estátua da Sagrada Família, que ele tanto amava.

Muitas pessoas deram testemunhos sobre a sua santidade. A sua foi uma santidade quotidiana e, para os pobres e doentes que entraram em contacto com este apóstolo do Evangelho, ele era um grande evangelizador, um farol seguro de esperança. Um exemplo de caridade sem limites, o Servo de Deus *tinha-se feito tudo para todos*, como afirmou um funcionário do Hospital onde o Ir. Guilherme trabalhava.

Um verdadeiro filho de São João de Deus.

Em 1999, foi iniciada a Causa da Canonização. A 14 de dezembro de 2015, o Sumo Pontífice, Papa Francisco, reconheceu as suas virtudes heroicas e proclamou-o Venerável.



Sepultura do Ir. Guilherme.

ALGUNS ENSIANAMENTOS DO IR. GUILHERME GAGNON

Alguns ensinamentos do Ir. Guilherme Gagnon

“Recordai-vos de que tudo é fácil para quem ama, ao passo que tudo se torna pesado e cansativo para aquele que não ama: este despreza até mesmo aquilo que poderia ser a causa da sua felicidade.”

“As honras são apenas fumo, efémeras como fogo de palha. Só nos resta o pouco bem que fizemos; agradeçamos a Deus por nos ter dado estas alegrias em cada momento.”

“É cada vez mais evidente que não são as armas que irão obter a paz, mas sim a oração e a caridade.”

“As feridas do Sagrado Coração de Jesus são a minha única consolação e só Nele posso encontrar a felicidade, se é que ela existe nesta terra.”

“Não quero saber do título. O essencial é submeter-se à vontade divina.”

“Antes de mais, somos homens de oração. Sem oração, não podemos obter graça alguma, e sem graça, nada podemos fazer.”

OS IRMÃOS DE SÃO JOÃO DE DEUS

Nem todos sabem que o verdadeiro nome de São João de Deus era *João Cidade* e que nasceu em Portugal, em Montemor-o-Novo. Permaneceu nesta localidade até aos oito anos de idade, indo então para Oropesa, em Espanha, onde foi acolhido pela família de Francisco Cid, conhecida como “o Maioral”. Em duas ocasiões, João Cidade saiu de Oropesa para servir na guerra, como soldado: a primeira vez, foi até Fuenterrabía, nos Pirenéus; a segunda, chegou a Viena, para combater contra os turcos. De Viena, regressou à Espanha e voltou à sua terra natal. A partir de então, iniciou um período de busca daquilo que o Senhor queria dele. Andou por Sevilha, foi até Ceuta (Marrocos), passou por Gibraltar e, finalmente, estabeleceu-se em Granada, como vendedor de livros.

Depois de ouvir um sermão de João de Ávila na Ermida dos Mártires, a 20 de janeiro de 1539, Dia de São Sebastião, sentiu uma transformação dentro de si e começou a gritar diante de todos a sua “loucura”, ao ponto de ser considerado louco e internado no Hospital Real de Granada. Alguns meses mais tarde recebeu alta e saiu, determinado a seguir o Senhor. Passando a ter como guia espiritual São João de Ávila, foi em peregrinação até ao Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe e, depois, de regresso a Granada, deu início à sua Obra, acorrendo em auxílio dos doentes pobres e das pessoas carenciadas.

Trabalhava, pedia esmolas, recolhia pobres e prostitutas nas ruas e, pouco a pouco, passou a ter a colaboração de voluntários e benfeitores que se juntavam a ele. A sua forma de pedir esmolas foi muito original: *“Quem faz bem a si mesmo? Fazei bem por amor de Deus, irmãos em Jesus Cristo”*.

No Outono de 1539 fundou o seu primeiro hospital, a Casa de Deus, na Via Lucena, onde todos podiam encontrar hospitalidade. Juntamente com os seus primeiros companheiros, organizou os cuidados de saúde segundo as necessidades daqueles que considerava os “seus” pobres. No mesmo ano, o Arcebispo de Granada conferiu-lhe o hábito religioso e confirmou o nome que o povo já lhe tinha dado: “João de Deus”. Em 1547, o Hospital mudou-se para a Rua de los Gomeles. João morreu a 8 de março de 1550, gozando de grande fama de santidade. Os seus primeiros companheiros iniciaram então a fundação da Ordem dos Irmãos Hospitaleiros de São João de Deus, conhecida em Itália como *Fatebenefratelli*.

O processo de beatificação teve lugar em 1630. A 16 de outubro de 1690 foi canonizado por Alexandre VIII. Leão XIII, em 1886, declarou-o Padroeiro dos Hospitais e dos Doentes, e Pio XI, em 1930, acrescentou a esse título também o de Santo Padroeiro dos Enfermeiros e suas Associações. Em 1940, Pio XII proclamou-o segundo Patrono Celestial de Granada. São João de Deus foi, como homem, um exemplo de disponibilidade e abertura ao próximo.

ORAÇÃO DE INTERCESSÃO

Ó Jesus misericordioso e Bom Samaritano, Tu fizeste-nos descobrir, na simplicidade e caridade do Venerável Servo de Deus Guilherme Gagnon, um caminho de santidade evangélica, para Te seguirmos com fé firme e Te servirmos entre os doentes e quantos se encontram em estado de necessidade.

Pedimos-Te que nos ajudes a imitar o seu exemplo no amor ao nosso próximo: por isso o escolhemos como nosso modelo e intercessor.

Nós Te rogamos, Senhor, que pela tua bondade nos manifestes a sua santidade concedendo-nos por sua intercessão as tuas bênçãos e a graça que agora te pedimos,, para que o testemunho e a santidade do teu fiel Servo Guilherme Gagnon seja reconhecidos pela Igreja, para a tua maior glória.

Pai Nosso..., Ave Maria..., Glória ao Pai...

Para mais informações:

Postulação Geral

Ordem Hospitaleira de São João de Deus
Via della Nocetta, 263 - 00164 ROMA - Itália
e-mail: postulazione@ohsjd.org
www.ohsjd.org